

DESVIOS ORTOGRÁFICOS DE NATUREZA FONOLÓGICA: UM NOVO OLHAR SOBRE O ENSINO DA ORTOGRAFIA

PEREIRA, Patrícia Dauhali Clemente Guimarães¹

Resumo - Este artigo propõe a discussão da influência da oralidade no processo de aprendizagem da escrita dos alunos e a importância da consciência fonológica por parte dos educadores. Através da produção textual de uma sequência didática foram analisadas cento e vinte produções textuais de alunos de 7º e 8º anos do ensino fundamental II, de uma escola pública da cidade de Sinop/MT, tendo sido observadas marcas da oralidade, especialmente, regras sociolinguísticas de variação e mudança produtivas no seu grupo social, bem como problemas que se podem atribuir ao caráter arbitrário de certas convenções ortográficas. Para o aporte teórico, recorreremos aos estudos de Bagno (2007), Hora (2009), Othero (2005), Bortoni-Ricardo (2005) e Oliveira (2005).

Palavras-chave: desvios ortográficos. Consciência fonológica. Ensino.

Introdução

A variação linguística é presença evidente na vida em sociedade e na particularidade de cada indivíduo. É um assunto não só importante, mas instigador quando contraposto com o ensino escolar de língua portuguesa, e nos estimula a propor uma revisão de concepção e método de ensino.

A respeito do ensino, podemos observar que ele continua seguindo os mesmos critérios do ensino de séculos atrás, a sociedade modificou-se, no entanto, ainda continua se pregando e impondo os mesmos conceitos de língua, nos quais a gramática ainda dita o que é “certo” e “errado”.

A sociedade é composta por vários falantes, é dividida em vários grupos, caracterizada pelas mais diversas causas, sejam social, etária, gênero, profissional etc. Esses grupos fazem uso diferenciado da língua, sugerindo então as variedades que compõem a nossa realidade linguística.

Pensando no letramento, nas competências e habilidades, mais importante que desconsiderar o conhecimento que o indivíduo já chega à sala de aula e tentar impor uma “verdade absoluta” de língua, é explorar as variedades e refletir sobre a língua, compreendendo a sua adequabilidade e aceitabilidade dentro dos diversos contextos

¹ Especialização em Língua Portuguesa e Literatura e Mestra em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop/MT. Professora efetiva do Estado de Mato Grosso na disciplina de Língua Portuguesa há 20 anos. Atualmente gestora da Escola Estadual Cleufa Hubner no município de Sinop/MT.
E-mail: dauhali@yahoo.com.br

existentes. E, desta forma, buscar formar o indivíduo de uma maneira global, para que ele saiba articular os conhecimentos em sua vida cotidiana.

Pressupostos Teóricos

Ao longo dos últimos anos, os estudos da linguagem vêm passando por profundas transformações. Segundo Marcuschi (2010), a partir de 1980, a escrita e a oralidade, antes vistas como opostas, passam a ser estudadas de maneira relacionada, uma vez que estas duas modalidades do sistema linguístico atualmente são consideradas a partir de condições de produção e recepção, o que provocou uma guinada nos estudos linguísticos. Nesse sentido, segundo Hora (2009, p. 3), “a Fonética é o estudo sistemático dos sons da fala, isto é, trabalha com os sons propriamente ditos, levando em consideração o modo como eles são produzidos, percebidos e quais aspectos físicos estão envolvidos na sua produção”.

Desse modo, a escrita e a oralidade são práticas sociais com características próprias, mas não o suficiente para caracterizarem dois sistemas linguísticos. Este equívoco tem agravado o preconceito linguístico, uma vez que muitos falantes são tidos como incultos, analfabetos, simplesmente por terem uma pronúncia diferente de sua escrita. Ainda segundo Marcuschi (2010, p. 21), “A passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem”. Ou seja, a fala apresenta elementos, como pausas, hesitações etc. que são típicas dessa ordem, enquanto a escrita é mais elaborada e complexa.

O Brasil é uma sociedade onde a distribuição de renda ocorre de modo desigual promovendo essa divisão de classes sociais, isso reflete diretamente na aquisição da língua; Bortoni-Ricardo define essa “divisão de classes” como “domínios sociais”, sendo que:

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 23).

Os papéis sociais são definidos por normas socioculturais, é algo que já está enraizado em nossa cultura e que de um modo “natural” determina os “personagens” que nela se inserem. Com isso, podemos notar que existe uma divisão evidente que se reflete também na língua.

Assim ocorre o domínio do “português padrão sobre o “português não padrão” que são as demais variedades da língua (nos seus mais diversos âmbitos e aspectos, sejam social, regional, faixa etária etc.).

[...] as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34).

Assim sendo, o ambiente em que o indivíduo está inserido influencia direto e/ou indiretamente no desenvolvimento e aprendizagem da linguagem, a qual ocorrerá por “imitação”, uma reprodução do que se é vivenciado.

Existem alguns fatores que indicam a variação linguística e que compõem o português não padrão. No caso de grupos etários, por exemplo, encontramos diferenças sociolinguísticas intergeracionais, tais como os tipos de fala dos avós em relação aos filhos e aos netos. Há também a diferença por gênero, pois existe uma cobrança e receptividade diferenciada do modo como certas colocações são realizadas dependendo de quem as fala, se é um homem ou uma mulher.

Esta diferença também fica evidente nos fatores socioeconômicos, a distribuição de renda e a realidade de algumas regiões, mais carentes e necessitadas, influenciam no modo como as pessoas fazem uso da língua. O grau de escolarização também mostra essa diferença, pois, o quanto e quais escolas o indivíduo frequentou influenciarão o seu repertório linguístico, quanto mais tempo o indivíduo permanecer na escola, terá maior contato com os mais variados gêneros textuais e, conseqüentemente, um repertório linguístico mais variado.

Outro fator, além das redes sociais é o mercado de trabalho, dependendo o lugar (empresa, comércio) em que o indivíduo trabalha, ambiente mais ou menos formal, interferirá em como o indivíduo fará uso da língua, monitorando mais ou menos a sua fala. “As atividades profissionais que um indivíduo desempenha também são um fator condicionador de seu repertório sociolinguístico [...] (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 48).

A escola tem a função de proporcionar aos indivíduos a oportunidade de aprender a norma culta, o que não pode ocorrer é, no momento desta aprendizagem e aquisição, “[...] a ideologia da necessidade de ‘dar’ ao aluno aquilo que ele ‘não tem’, ou seja, uma ‘língua’ [...]”

(BAGNO, 1997, p.62). O professor não pode esquecer do conhecimento que o aluno já dispõe ao chegar à escola e a sua variedade de língua, característica de sua realidade e de sua comunidade.

[...] a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO, 2007, p. 27).

Talvez, por falta de preparo, a escola acaba estabelecendo os mitos de que: português é muito difícil; pessoas sem instrução não sabem falar; para saber escrever e falar é necessário saber as regras gramaticais, enfim, acaba mantendo inverdades que são muito presentes na mentalidade de muitas pessoas quando o assunto é língua portuguesa. As variedades entre os grupos que existem e compõem a sociedade são muito grandes, a língua vai adaptando-se à realidade e necessidade da população.

[...] os erros que condenamos só são erros se o critério de avaliação for externo à língua ou ao dialeto, ou seja, se o critério for social. Mas, se adotássemos esse critério para todos os casos, deveríamos também concluir que são erros todos os modos diferentes de falar, mesmo os que são típicos de outras línguas (POSSENTI, 1997, p. 30).

Ao chegar à escola, é como se a vida do aluno estivesse começando naquele momento, nega-se o conhecimento e a bagagem cultural que ele traz consigo, como se fosse preciso aprender tudo (novamente), inclusive a falar (segundo a norma culta). Sendo assim, o que ocorre é a reafirmação de preconceitos existentes em toda a cultura brasileira. A língua na verdade tem por objetivo estabelecer a comunicação, e embora existam variedades esse objetivo é realizado. Ela não é algo inflexível, que aceita apenas uma possibilidade, mas, ao contrário, ela é flexível, adaptando-se a cada sociedade de modo diferenciado, a questão é – aceitar – respeitar o diferente.

A escola tem que ser o lugar onde exista espaço para discutir sobre a existência das variedades e não a imposição de uma norma considerada padrão; transformando os momentos das aulas de língua portuguesa numa verdadeira investigação sobre a língua.

Sabemos que o homem é um sujeito social que interage, influenciando e sendo influenciado pelo meio, sendo assim, cabe ao professor, mediar este processo, no caso da língua, apresentando as variedades, instigando suas características, pensando em contextos, nos quais, uma variação torna-se mais adequada sem desprestigiar e/ou menosprezar as

outras. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua portuguesa nos trazem a seguinte contribuição:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (BRASIL, 1998, p. 31).

O modo como o professor enxerga e se relaciona com a língua determinará como ele trabalhará as variedades linguísticas, a norma culta, a gramática, enfim, o professor é um fator determinante em todo o processo para colocar em prática e alcançar a reeducação sociolinguística. Desse modo cabe a ele rever e reavaliar muitas concepções de ensino, partindo para a proposta da pedagogia da variação linguística, onde a tarefa é contextualizar, letrar e capacitar os nossos alunos a refletirem sobre sua língua, desenvolvendo neles um senso crítico.

Assim, uma das principais tarefas da educação linguística é exercitar o olhar do aluno e a sua capacidade de refletir a respeito da linguagem.

As crianças, quando chegam à escola, já sabem falar bem a sua língua materna, isto é, sabem compor sentenças bem formadas e comunicar-se nas diversas situações. Mas ainda não têm uma gama muito ampla de recursos comunicativos que lhes permita realizar tarefas comunicativas complexas em que se exija muita monitoração (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 74).

Portanto, torna-se necessário que se adote uma nova postura quanto ao ensino de língua portuguesa, pois o que se almeja com a nova proposta da pedagogia da variação linguística é formar cidadãos conscientes e reflexivos e não prisioneiros em mitos sobre a sua própria língua.

É evidente que os desvios gramaticais não devem ser ignorados nas aulas de língua portuguesa uma vez que os professores precisam trabalhar a diversidade linguística, sendo a norma culta uma variedade que o aluno deve dominar e adquirir habilidades para fazer o uso da mesma na sociedade. Cagliari (1990, p. 48) diz que:

A escola não pode tomar a atitude linguística de que vale tudo, de que não existe o certo e o errado, porque tudo comunica [...]. A língua é falada por pessoas e as

peças usam e abusam da língua, inclusive para justificar seus preconceitos. Portanto, a escola tem que fazer do ensino de português uma forma de o aluno compreender melhor a sociedade em que vivemos, o que ela espera de cada um linguisticamente e o que podemos fazer usando essa ou aquela variedade do português.

Nesse sentido, o professor de língua portuguesa deve atentar para despertar no alunado o interesse pela reflexão sobre a língua, pois existe atualmente a necessidade de entender as variedades linguísticas e perceber que os desvios gramaticais, muitas vezes, ocorrem mais por questões fonológicas do que mesmo pelas gramaticais. Sendo assim, Bagno (2002, p. 32) diz que:

Parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos.

O interessante dessa questão é o professor entender que o domínio da ortografia é processual e exige muito estudo no que concerne aos gêneros, principalmente aqueles que têm como característica predominante a norma culta. Sobre essa questão Bortoni-Ricardo (2006, p. 274) afirma que: “O domínio da ortografia é lento e requer muito contato com a modalidade escrita da língua. Dominar bem as regras de ortografia é um trabalho para toda a trajetória escolar e, quem sabe, para toda a vida do indivíduo”.

Nesse sentido, as aulas de língua portuguesa devem entender e conceber o aluno como sujeito aprendiz que reflete sobre o processo de aquisição da escrita. Um sujeito que tem condições de indagar sobre a sua própria escrita e refletir sobre os sons produzidos pelas letras, para, a partir disso, estabelecer relações com as normas prescritas pela gramática normativa, haja vista que esta também é indispensável e privilegiada socialmente.

Coleta e Análise dos dados

O *corpus* analisado é constituído de cento e vinte (120) textos, de turmas de 7º e 8º anos do ensino fundamental, da Escola Estadual Cleufa Hubner, localizada na região central da cidade de Sinop/MT. Os textos foram produzidos em turmas heterogêneas de meninos e meninas que moram na zona urbana em bairros mais centralizados desse município.

Para que os aspectos fonológicos fossem percebidos na escrita dos estudantes, seria necessária a análise de uma produção textual. Sendo assim, propusemos uma sequência

didática com o gênero narrativa de suspense. Após leitura coletiva de uma narrativa de suspense e comentário das características deste gênero, solicitamos uma produção textual com base nesse gênero que é a base de nossa análise.

Foi entregue a cada aluno uma folha de sulfite pautada contendo as instruções para a produção textual, conforme a ilustração 1.

Ilustração 1: Proposta de produção textual entregue aos alunos

Produção de Texto – Narrativa de Suspense

Ao produzir uma narrativa, lembre-se: o título deve ser interessante, fazer parágrafos, usar pontuação adequada, manter o mesmo foco narrativo, manter o interesse do leitor, prestar atenção à ortografia.

Construa seu texto a partir da seguinte situação inicial:

No sábado, resolvemos ir a uma festa na casa de um colega, do outro lado da cidade. Como não conhecíamos bem o bairro, descemos do ônibus dois pontos antes e tivemos que caminhar. Já estava escurecendo e o que encontramos, naquela esquina, encheu-nos de pavor.

Junto com a folha que continha a proposta de produção textual foi entregue a todos os alunos um questionário para coletarmos alguns dados relevantes para a pesquisa, como: nome; idade; bairro em que mora; quanto tempo de residência possui na cidade de Sinop; local de nascimento e qual a região do país que seus pais são provenientes.

As produções foram recolhidas e analisadas com o intuito de observarmos os principais processos fonológicos utilizados pelos alunos e, posteriormente, foram selecionadas ocorrências mais significativas para esse estudo. As produções também foram utilizadas ao final da sequência didática para demonstrarmos aos alunos o quanto a oralidade influencia no nosso processo de escrita, através da análise proposta no final dos trabalhos os alunos puderam perceber o quanto a consciência fonológica deve se fazer presente no nosso cotidiano.

Ao iniciarmos a análise dos dados, através dos questionários respondidos pelos alunos, percebemos que dos 120 textos analisados 60 eram de meninas e 60 eram de meninos, exatamente 50% de cada gênero. Destes alunos, 43% afirmam terem nascidos em Sinop/MT, um número alto de alunos naturais da região onde a pesquisa se realizou, isso se deve ao fato da maioria dos alunos desta escola morarem em bairros centrais, mais antigos do município, logo, pessoas que moram há bastante tempo na cidade.

Conhecer a região brasileira a que pertencem os falantes que constituem o *corpus* de uma pesquisa é um fator muito importante para a análise dos aspectos fonológicos. Segundo dados coletados pelo questionário, constatamos que 56% dos pais destes alunos vieram da

região Sul do país, fato que ocorreu devido a colonização desta região ter sido realizada na sua maioria por migrantes da região Sul do país, em especial do estado do Paraná, lembrando que a Colonizadora Sinop, responsável pela colonização desta cidade, tem sede na cidade de Maringá/PR. Observamos que os demais dados relativos à migração das famílias é de 7% provenientes da região nordeste, 3% da região norte, 15% da região sudeste e 19% da região centro-oeste.

Ao analisarmos os textos escritos pelos alunos, para a verificação dos desvios ortográficos mais recorrentes, notamos que a oralidade e, conseqüentemente, a variação linguística, mantêm uma relação dialógica com a produção escrita, principalmente desses alunos que são escritores principiantes. Na tabela 1, encontram-se os processos fonológicos encontrados nos textos dos alunos.

Tabela 1: Processos fonológicos encontrados nas produções textuais analisadas

DESVIOS ORTOGRÁFICOS	EXEMPLOS ENCONTRADOS	TIPIFICAÇÃO
Apagamento da consoante líquida não lateral "r" em final de palavra, principalmente no final de verbos no infinitivo.	Leva Se Ajuda Toma Come Sabe Conversa Liga Corre Dormi Encontra Caminha Luga Acha Pega Deixa Recolhe	Supressão / Apócope: apagamento de segmento final da palavra
O aluno reduz a forma verbal, geralmente o /s/ da 1ª pessoa do plural.	Começamo Descemo Entramo Vimo Saimo	Supressão / Apócope: apagamento de segmento final da palavra
O aluno não escreve o "es" por não haver som correspondente em sua fala.	Tava Tavamos (Ocorrência constatada em 15 redações)	Supressão / Aférese: apagamento de segmento inicial da palavra
O aluno insere um fonema a partir do som produzido.	Voceis (2 ocorrências) Meis Pessouas Nois (6 ocorrências) Peneu (5 ocorrências)	Inserção / Epêntese causando em alguns casos ditongação

	Irmam Liguamos Discurtindo Preucurar Vinheram	
O aluno faz a troca dos fonemas /l/ e /u/ em sílaba final ou meio da palavra.	Saugado Polisiau Bousa Rezouvemos Voutamos Devolve Sauvos Resouvem Locau Vouta Voutou Cauça Soutou Pegol Resouvido Augo Finaumente Descupou	Substituição
Supressão da semivogal /w/ em ditongos decrescentes	Furo(u) Pergunto Chamo Aumento Chego Começo Quebro Paro Levo Acredito	Monotongação
O aluno reduz o ditongo /ei/ escrevendo a palavra como pronuncia.	Cadera Sexta-fera Dechou Banhero	Monotongação
O aluno junta duas palavras em uma só.	Derrepente (11 ocorrências) Derepente (7 ocorrências) Deum Eo (2 ocorrências) Ea Todomundo Adentro Pramim Porcauza Dentrodo Concerteza Comedo (com medo) Mesiguído Mepegou Oque Avenida Tiralo Despistalos	Juntura intervocabular / aglutinação / hipossegmentação

	<p>Sidivertimos Achave Apé (9 ocorrências) Atarde Anoite Avendou</p>	
<p>O aluno grafava uma única palavra em vários segmentos.</p>	<p>Em bora (2 ocorrências) A quela Achava-mos Tinha-mos Com vidadas Na quela (4 ocorrências) De vagar (2 ocorrências) Com migo Da quele De pois Das queelas</p>	Hipersegmentação
<p>O aluno utiliza vários grafemas para representar o fonema /s/ em posição intervocálica.</p>	<p>Assasino Persebi Deceram Suisidaram Desser (2 ocorrências) Levase Deseu Amanheser Visinho Pasavam Assacinada Prosimo Pisina Palhasso Resebi Polisia Polisiau Comesou (3 ocorrências) Abrasar Pedaso Comesando Palhasos Asasinos Comesar Virasem Assistir Asasino Asim Corasão Braso (braço) (2 ocorrências) Recomesou Assasinos (2 ocorrências) Ofissina Asassinos Comesamos Diresão Pasado Viese</p>	Substituição

	Assacino Assacinos Comessamos Asustados Desemos Decemos Comeso Asustar	
O aluno utiliza vários grafemas para representar o fonema /z/.	Atrazado Rezerva Trêz Cassa (casa) Cazo Disendo Messas (mesas) Ves (primeira vez) Atraz Atrasados	Substituição
O aluno apresenta dificuldade quanto ao uso do /m/ e /n/ antes de consoante.	Comvidados Imformação Emtão Temtamos Acomteceu Imformações Tenpo	Substituição
O aluno na hora da escrita faz trocas entre consoantes oclusivas surdas e sonoras: p/b; t/d.	Empora Condinamos Quanto (quando) (2 ocorrências) Condamos Dudo (tudo) Pateu Dinha (tinha) De (te) Quardo (quarto) Avondade Tigitais (digitais) Assassinato (assassinado) Esdavão (estavam) Noide Onte (onde) Fuldo (vulto) Compinamos	Palatização
O aluno na hora da escrita faz trocas entre consoantes fricativas surdas e sonoras: f/v.	Firam Vomos (fomos) (2 ocorrências) Televonema Fuldo (vulto) Vavela Fez (vez) Televone	Africativização
O aluno faz a transposição de	Toruxe (trouxe)	Transposição

consoantes ou de vogais.		
Tentativa do aluno de se aproximar do ideal imaginário da língua.	Onibos (8 ocorrências) Hônibus Havistamos Derrepentemente Desafouro Inresponsável Caichos Multilado Provalvemente Esculto Sumio Pedio Saio Fugio Descusão Boeiro	Hipercorreção
O aluno faz confusão na grafia de palavras com /rr/ e /r/.	Caro (carro) (2 ocorrências) Empurando Bariga Correndo (2 ocorrências) Coreram Coredor Amarou Arombado	Apagamento do dígrafo /rr/
O aluno troca as vogais /e/ por /i/ e /o/ por /u/ escrevendo de acordo com sua pronúncia.	Consiguimos (2 ocorrências) Dispistado Futibol Repitiamos Dispistá-lo Infin Preocupadas Curtimus Intão Muleque Dispidida Descubriram Durmimos Fumos Duendo Pulicial	Neutralização / Metafonia

Fonte: autora.

Notamos, a partir dos dados da tabela 1, grande quantidade de aglutinação ou hipossegmentação, isso ocorre porque os alunos estão escrevendo em termos de unidades de acento, que é o que ocorre na fala, e não em termos de unidades de sentido.

Como afirma Oliveira (2005, p. 38-39):

[...] alamos por unidades de acento, mas escrevemos por unidades de sentido. Quando falamos, regulamos nossa fala pelo acento, isto é, falamos por palavras fonológicas (ou unidades de acento). Mas, quando escrevemos, nós o fazemos por palavras morfológicas (ou unidades de sentido) [...]

Apesar da hipersegmentação ter ocorrido em menor número nos textos analisados, a mesma também aparece, normalmente, em ocorrências pronominais e/ou nos verbos na primeira pessoa do plural.

Constatamos também a grande dificuldade por parte dos alunos na grafia das palavras com o grafema s, casos desse tipo fazem parte de um aprendizado que nunca termina, pois temos aí uma relação completamente arbitrária entre sons e grafemas. Como bem problematiza Oliveira (2005, p.37):

Em posição intervocálica a situação é ainda mais caótica: observe que o som [s], em posição intervocálica, pode ser representado por vários grafemas (ou combinações de grafemas), como em aço, asso, nascer, nasça, máximo, só para dar alguns exemplos. Em posição final encontramos o mesmo problema: este mesmo som, [s], é representado de maneira diferente em vez e mês!

Muitas ocorrências de trocas de consoantes oclusivas surdas e sonoras: p/b; t/d e de consoantes fricativas surdas e sonoras: f/v, interpreta-se hoje que essas trocas se devem ao fato de os sons em questão serem muito parecidos em sua realização no aparelho fonador.

São tecnicamente chamados de “pares mínimos”, porque são produzidos expelindo-se o ar do mesmo modo, no mesmo ponto de articulação, diferindo apenas porque em um (por exemplo, o /b/) as cordas vocais vibram, enquanto no outro som (por exemplo, o /p/) elas não vibram (MORAIS, 2001, p.29).

Cagliari (1990) procura explicar tal tipo de troca de letra fazendo referência ao fato de que as crianças são, em geral, ensinadas a escrever em silêncio. Isto quer dizer que elas não devem pronunciar as palavras que irão escrever em voz alta, o que dificulta ou impede que se deem conta dos sons que compõem tais palavras. Nesta situação, quando as crianças tendem a articular as palavras sem produzir sons ou a sussurrá-las, acabam por não ter pistas, acústicas ou sonoras, que as auxiliem na detecção de que tipo de fonema, surdo ou sonoro, está presente.

Ocorre que, quando articulados sem som, ou quando sussurrados, os fonemas sonoros tendem ao ensurdecimento, o que, ainda de acordo com este autor, pode ser a razão pela qual as consoantes sonoras tendem a ser substituídas pelas consoantes surdas muito mais

frequentemente do que no sentido inverso que, de acordo com suas observações, têm uma ocorrência muito rara.

Outro dado que a tabela 1 traz e que deve ser considerado é a supressão/apócope que ocorre quando do apagamento do segmento final da palavra, principalmente da consoante líquida não lateral /r/ em final de palavra, geralmente no final de verbos no infinitivo. Em menor número, mas também aparecendo a supressão/apócope do /s/ da 1ª pessoa do plural.

Alguns estudos mostram que o morfema marcador de infinitivo /r/ não se manifesta foneticamente no português brasileiro na maioria das vezes em que essa forma é pronunciada, como ilustra o seguinte excerto:

Em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais [...] O falante da língua, quando suprime um /r/ em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse /r/ (BORTONI-RICARDO, 2004, p.85).

A supressão/aférese, que é o apagamento inicial da palavra, ocorreu somente com o verbo estar, mas apareceu em várias redações analisadas. Como destaca Bortoni-Ricardo:

Classificamos tive como um traço gradual porque a perda – ou aférese – da sílaba inicial es- no verbo estar é um traço generalizado no português brasileiro, especialmente nos estilos não-monitorados. Igualmente a perda do /r/ final nos infinitivos verbais e nas formas do futuro do subjuntivo é um traço gradual (2004, p. 56).

A inserção/epêntese, que ocorre quando o aluno insere um fonema a partir do som produzido, também pôde ser observada em algumas redações. No caso da epêntese nas palavras nós e vocês, a pronúncia popular desenvolve uma semivogal, que é um fenômeno fono-ortográfico caracterizado como traço gradual, já bastante estudado no português brasileiro.

A monotongação, de acordo com a tabela 1, aparece mais em casos de supressão da semivogal /w/ em ditongos decrescentes do que na redução do ditongo /ei/.

Para aceitarmos que a monotongação não deve ser interpretada como “erro”, mas um fenômeno já bastante antigo na nossa língua, Bortoni-Ricardo (2004, p.95) explica que “A perda da semivogal nos ditongos resulta em um processo denominado monotongação. No ditongo /ou/, a monotongação é um processo muito antigo na língua, desde a evolução do latim para o português”.

Apareceram também trocas/substituições de /l/ pelo /u/, embora graficamente a letra l represente consoante, fonologicamente é produzida como semivogal /w/. Em função disso, é natural que no processo de uso da modalidade escrita ocorram as trocas de /u/ por /l/.

A neutralização das vogais /e/ e /i/, /o/ e /u/ é um processo conhecido como metafoia, decorrente da mudança de timbre de uma vogal tônica por influência de outra vogal, geralmente i ou u. “DIBAXO – nessa variante do advérbio debaixo, foram aplicadas duas regras que já são nossas conhecidas: a relação da vogal pretônica /e/ > /i/ e do ditongo /ai/ > /a/. Ambas as regras têm caráter gradual” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 57).

Com base na grande variação fonológica apresentada, cabe-nos reafirmar que os estudos de cunho sociolinguísticos têm dado uma parcela importante de contribuição ao ensino.

Com isso,

Estamos dando tanta ênfase ao estudo das tendências da própria deriva da língua para criarmos com firmeza a convicção de que os chamados “erros” que nossos alunos cometem têm explicações no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, podem ser previstos e trabalhados por meio de uma abordagem sistêmica (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 100).

Logo, cabe ao professor, de posse dessas contribuições da sociolinguística, repensar sua prática pedagógica em sala de aula no que se refere ao ensino da língua materna.

Considerações Finais

Fica evidente a influência da oralidade na escrita dos alunos, logo, a importância da sociolinguística dentro da sala de aula para que os processos fonológicos presentes e latentes no decorrer do processo de escolaridade dos alunos sejam respeitados e trabalhados em prol do aprofundamento do domínio da sua língua materna.

É importante que a escola acolha o indivíduo que, ao chegar à escola sinta-se valorizado e não discriminado pela forma como fala, e gradativamente seja exposto às diversas maneiras que a língua se representa, tanto em estilos mais monitorados como em estilos menos monitorados, observando e refletindo sobre o porquê ocorre essa variação. Dessa forma, a contextualização e a reflexão devem estar de antemão no planejamento de ensino, buscando, com isso, capacitar e propiciar aulas dinâmicas e reflexivas, nas quais os alunos sejam levados a sair da posição passiva e assumir a posição de aprendiz pesquisador, investigando e se identificando com a língua.

Na aquisição dos conhecimentos linguísticos, precisam saber como utilizar a língua eficientemente nos múltiplos contextos aos quais serão expostos. Uma ironia no ensino de língua portuguesa é observar que, ao ensinarmos todas as nomenclaturas específicas da norma, nos leva a entender que estamos formando professores de gramática, e não usuários eficientes da língua; quem deve saber tudo sobre a gramática normativa somos nós professores que somos os instrutores, os especialistas da língua e não nossos alunos, que devem ser antes de tudo, bons usuários dela.

Para isso, é fundamental que os professores tornem-se cientistas, pesquisadores e investigadores da língua, tornando-se, conseqüentemente, influência dentro da sala de aula, e instigando os alunos a serem pesquisadores e investigadores, levando-os a construir o próprio conhecimento; abandonando uma concepção de ensino tradicional e apostando na construção de conhecimentos, na interação, na discussão, no ativismo dos alunos, em seus pensamentos, suas inquietações; despertando o senso crítico e fazendo-os construir sua autonomia, ensinando-os, assim, a aprender a aprender.

SPELLING DEVIATIONS OF PHONOLOGICAL NATURE: A NEW LOOK AT THE TEACHING OF SPELLING

Abstract - This article proposes the discussion of the influence of orality in the learning process of students' writing and the importance of the phonological awareness on the part of the educators. Through the textual production of a didactic sequence, one hundred and twenty textual productions of 7th and 8th grade students from a public school in the city of Sinop / MT are analyzed, orality marks, especially sociolinguistic rules of variation and productive changes in their social group, as well as problems that can be attributed to the arbitrary character of certain orthographic conventions. For the theoretical contribution, we used the studies of Bagno (2007), Hora (2009) and Othero (2005), Bortoni-Ricardo (2005) and Oliveira (2005).

Keywords: Spelling deviations. Phonological awareness. Teaching.

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança. **SCRIPTA**, 2006, v. 9.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1990.

HORA, D. da. **Fonética e fonologia**. UFPB, 2009. Disponível em <http://goo.gl/ecYlc>. Acesso em 10 de junho de 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia**: ensinar e aprender. 4.ed. São Paulo: Ática, 2001.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita*. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, 2005. v. 01.

OTHERO, Gabriel de Ávila. Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança. **ReVEL**, 2005, v.3, n. 5.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

Recebido em: 4 de maio de 2019

Aprovado em: 20 de junho de 2019